



O LIVRO NEGRO



**O
LIVRO
NEGRO**

Hilary Mantel



Civilização
Editora

Título original
Bring Up the Bodies

Copyright da edição original
© Hilary Mantel, 2012

Copyright da edição portuguesa
© 2013 Civilização Editora
Todos os direitos reservados

Ilustração da capa © Andy Bridge
Fotografia da autora © John Haynes

Adaptação da capa
Departamento Editorial

Tradução
Miguel Freitas da Costa

Revisão
Departamento Editorial

Pré-impressão, impressão e acabamentos
CEM Artes Gráficas

1.ª edição em junho de 2013

ISBN 978-972-26-3594-3
Depósito Legal 360444/13

Civilização Editora
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto
Tel.: 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt
www.civilizacao.pt



*Mais uma vez para Mary Robertson:
os meus mais sentidos agradecimentos
e que Deus te acompanhe.*

SUMÁRIO

Personagens	9
Árvores Genealógicas	14
PRIMEIRA PARTE	
I Falcões. Setembro de 1535	21
II Corvos. Outono de 1535	50
III Anjos. Natal de 1535 – Ano Novo de 1536	123
SEGUNDA PARTE	
I O Livro Negro. Janeiro – Abril de 1536	181
II O Senhor dos Fantasmas. Abril – Maio de 1536	269
III Despojos. Verão de 1536	432
Nota da Autora	437
Agradecimentos	439

PERSONAGENS

Em casa de Cromwell

Thomas Cromwell, filho de um ferreiro: agora Secretário-Mor do rei, Notário-Mor, Chanceler da Universidade de Cambridge, e procurador do rei como chefe da Igreja de Inglaterra.

Gregory Cromwell, seu filho.

Richard Cromwell, seu sobrinho.

Rafe Sadler, o seu principal escrivão, educado por Cromwell como seu filho.

Helen, a bonita mulher de Rafe.

Thomas Avery, o contabilista da casa.

Thurston, o chefe dos cozinheiros.

Christophe, criado.

Dick Purser, o tratador dos cães de guarda.

Anthony, o bobo.

Os mortos

Thomas Wolsey, cardeal, embaixador do papa, lorde chanceler: destituído do seu posto, preso e morto em 1530.

John Fisher, bispo de Rochester: executado em 1535.

Thomas More, lorde chanceler após a queda de Wolsey: executado em 1535.

Elizabeth, Anne e Grace Cromwell, mulher e filhas de Thomas, mortas em 1527-28; tal como Katherine Williams e Elizabeth Wellyfed, suas irmãs.

A família do rei

Henry VIII.

Anne Boleyn, sua segunda mulher.

Elizabeth, filha de Anne, herdeira do trono.

Henry Fitzroy, duque de Richmond, filho ilegítimo do rei.

A outra família do rei

Catarina de Aragão, primeira mulher de Henry, divorciada e em prisão domiciliária em Kimbolton.

Mary, filha de Henry e Catarina e a outra herdeira do trono: também em prisão domiciliária.

Maria de Salinas, antiga dama de companhia de Catarina de Aragão.

Sir Edmund Bedingfield, o guardião de Catarina.

Grace, sua mulher.

As famílias Howard e Boleyn

Thomas Howard, duque de Norfolk, tio da rainha: feroz conselheiro-mor e inimigo de Cromwell.

Henry Howard, conde de Surrey, seu jovem filho.

Thomas Boleyn, conde de Wiltshire, pai da rainha: "Monsenhor".

George Boleyn, Lorde Rochford, irmão da rainha.

Jane, Lady Rochford, mulher de George.

Mary Shelton, prima da rainha.

E fora de cena: Mary Boleyn, irmã da rainha, agora casada e a viver no campo, mas anteriormente amante do rei.

A família Seymour, em Wolf Hall

O velho Sir John, famigerado por ter tido um caso amoroso com a nora.

Lady Margery, sua mulher.

Edward Seymour, o seu filho mais velho.

Thomas Seymour, o seu filho mais novo.

Jane Seymour, sua filha, dama de companhia das duas primeiras mulheres de Henry.

Bess Seymour, irmã de Jane, casada com Sir Anthony Oughtred, Governador de Jersey: depois sua viúva.

Na corte

Charles Brandon, duque de Suffolk: viúvo de Mary, irmã de Henry VIII: conselheiro de limitado intelecto.

Thomas Wyatt, fidalgo de ilimitado intelecto: amigo de Cromwell: suspeito de ser amante de Anne Boleyn.

Harry Percy, conde de Northumberland: jovem nobre doente e endividado, outrora prometido a Anne Boleyn.

Francis Bryan, “o Vigário do Inferno”, relacionado tanto com a família Boleyn como com a família Seymour.

Nicholas Carew, estribeiro-mor: inimigo da família Boleyn.

William Fitzwilliam, tesoureiro-mor, inimigo da família Boleyn.

Henry Norris, conhecido por “Gentil Norris”, o principal entre os fidalgos da Câmara Privada do rei.

Francis Weston, jovem cavalheiro imprudente e extravagante.

William Brereton, velho cavalheiro implacável e conflituoso.

Mark Smeaton, músico suspeitosamente bem-vestido.

Elizabeth, Lady Worcester, dama de companhia de Anne Boleyn.

Hans Holbein, pintor.

O clero

Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária: amigo de Cromwell.
Stephen Gardiner, bispo de Winchester: inimigo de Cromwell.
Richard Sampson, conselheiro jurídico do rei nos assuntos de matrimónio.

Os ministros

Thomas Wriothesley, conhecido por Trata-Me-Por-Risley, encarregado do Selo Real.
Richard Riche, procurador-geral da Coroa.
Thomas Audley, lorde chanceler.

Os embaixadores

Eustache Chapuys, embaixador do imperador Carlos V.
Jean de Dinteville, enviado francês.

Os reformadores

Humphrey Monmouth, mercador abastado, amigo de Cromwell e simpatizante dos evangelistas: mecenas de William Tyndale, o tradutor da Bíblia para inglês, agora preso nos Países Baixos
Robert Packington: mercador com simpatias similares.
Stephen Vaughan, mercador da Antuérpia, amigo e agente de Cromwell.

As “velhas famílias” pretendentes ao trono

Margaret Pole, sobrinha do rei Edward IV, apoiante de Catarina de Aragão e da princesa Mary.
Henry, Lord Montague, seu filho.
Henry Courtenay, marquês de Exeter.
Gertrude, sua ambiciosa mulher.

Na Torre de Londres

Sir William Kingston, governador.

Lady Kingston, sua mulher.

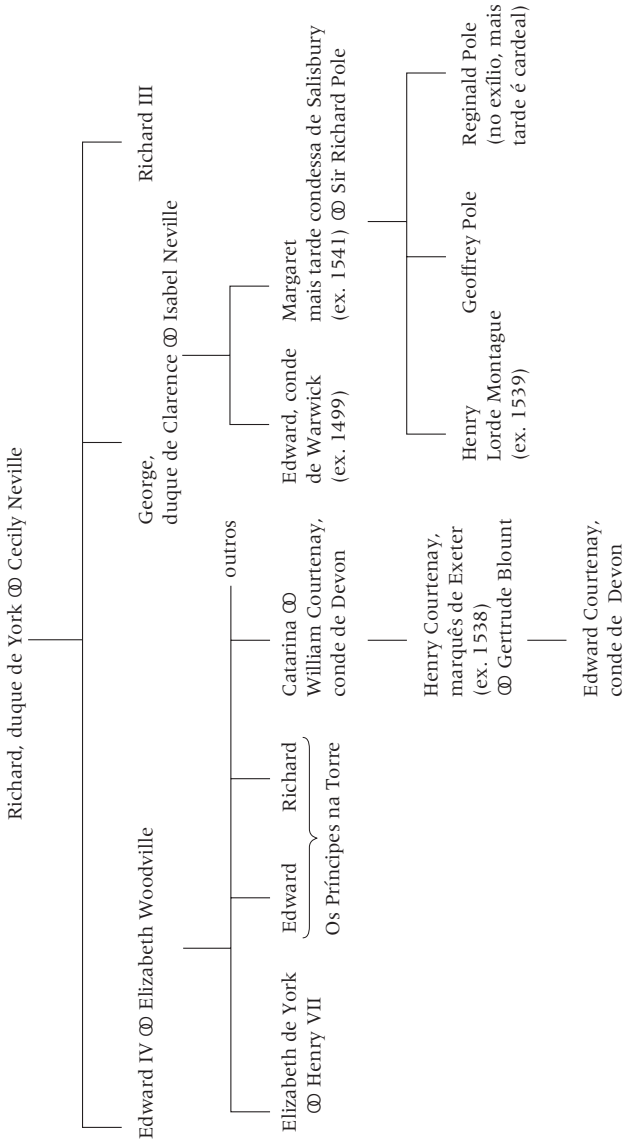
Edmund Walsingham, seu adjunto.

Lady Shelton, tia de Anne Boleyn.

Um carrasco francês.

Nota do editor: Os nomes originais das personagens foram mantidos, incluindo os das figuras históricas.

Rivais de Henry VIII da Casa de York (simplificada)



Não sou eu um homem como os outros homens?

Não sou? Não sou?

Henry VIII a Eustache Chapuys, Embaixador Imperial

PRIMEIRA PARTE

I

Falcões

Wiltshire, setembro de 1535

As filhas dele vêm a cair dos céus. Observa-as do alto do cavalo; atrás dele estende-se a vastidão de Inglaterra; caem, aladas de ouro, o olhar de cada uma raiado de sangue. Grace Cromwell paira no ar ténue. É em silêncio que toma a presa, em silêncio plana até ao punho dele. Mas os sons que produz então, o roçar de penas, e o guincho, o suspiro e sussurro da ponta das asas, o pequeno gluglu que lhe sai da garganta, são sons de reconhecimento, sons íntimos, de filha, quase desaprovadores. Tem o peito estriado de sangue e há fiapos de carne nas suas garras.

Mais tarde, Henry dirá: “As tuas raparigas voaram bem hoje.” O gavião Anne Cromwell saltita na luva de Rafe Sadler, que cavalga ao lado do Rei em amena conversa. Estão cansados; o Sol declina e estão a cavalgar de volta a Wolf Hall, as rédeas lassas sobre os pescoços das suas montadas. Amanhã a mulher e as duas filhas sairão outra vez. Essas mulheres mortas, ossos há muito tragados pela argila de Londres, já transmigraram. Sem peso, planam nas correntes de ar mais altas. Não têm compaixão por ninguém. Não respondem perante ninguém. Têm vidas simples. Quando olham para baixo não veem nada senão a sua presa e as plumas emprestadas dos caçadores: veem um universo tremulante, temeroso, um universo repleto do seu jantar.

Todo o verão tem sido assim, uma orgia de desmembramento, pelo e penas a voar, os cães batidos e chicoteados, os afagos aos cavalos cansados, os cuidados dos senhores com as suas contusões,

distensões e bolhas. E por alguns dias, pelo menos, o sol tem brilho sobre Henry. Um pouco antes do meio-dia acorreram do ocidente umas nuvens rápidas e caiu chuva em grandes gotas perfumadas mas o Sol reapareceu com um calor escaldante e agora o ar está tão claro que se pode ver o Céu e espreitar o que estão a fazer os santos.

Enquanto desmontam, entregando os cavalos aos moços e atendendo o Rei, já tem no pensamento a papelada que o espera: as mensagens de Whitehall, trazidas a galope pelas rotas postais que são estabelecidas sempre que a corte se desloca. À ceia, com os Seymour, ouvirá deferente quaisquer histórias que os seus anfitriões desejem contar: qualquer coisa que o rei queira aventurar, desenvolto, feliz e amável como parece esta noite. Quando o Rei se for deitar, começará a sua noite de trabalho.

Embora o dia tenha acabado, Henry parece pouco inclinado a ir para dentro. Está de pé, olhando em volta, inalando o suor de cavalo, a testa atravessada por uma queimadura do sol cor de tijolo. Perdeu o chapéu no princípio do dia e assim, como impõe o costume, todos os caçadores do grupo foram obrigados a tirar os seus. O Rei recusou todas as ofertas de chapéus substitutos. À medida que o crepúsculo se insinua sobre os bosques e campos, os criados andarão atentos a qualquer movimento da pluma negra sobre o fundo da relva que escurece ou ao lampejo da sua insígnia de caçador, um Santo Humberto de ouro com olhos de safira.

Já se sente o outono. Sabe-se que não haverá muitos mais dias como estes; por isso deixemo-nos estar, os palafreiros de Wolf Hall enxameando à nossa volta, o Wiltshire e os condados ocidentais espraçando-se numa bruma azul; deixemo-nos estar, a mão do Rei no ombro dele, o rosto de Henry concentrado enquanto vai rememorando o panorama do dia, os pequenos bosques verdes e os rios revoltos, os amieiros à borda de água, a bruma matinal que às nove horas já levantou; o breve chuvisco, o vento leve que morreu e amainou; a calmaria, o calor da tarde.

– Senhor, como não estais queimado? – inquire Rafe Sadler. Ruivo como o Rei, ficou de um cor-de-rosa com manchas e com sardas, e até os seus olhos parecem doridos.

Ele, Thomas Cromwell, encolhe os ombros; deixa cair um braço em volta dos ombros de Rafe enquanto se dirigem para dentro de casa. Atravessou toda a Itália – tanto os campos de batalha como a arena sombreada do escritório de contabilidade – sem perder a sua palidez londrina. A sua infância celerada, os dias no rio, os dias nos campos: deixaram-no tão branco como Deus o fez.

– Cromwell tem uma pele de lírio – pronuncia o Rei. – É o único particular em que se parece com essa ou com qualquer outra flor. – Vai-se metendo com ele enquanto se encaminham vagarosamente para a ceia.

O Rei deixara Whitehall na semana da morte de Thomas More, uma lúgubre e chuvosa semana de julho, as pegadas dos cascos da comitiva real marcadas bem fundo na lama do caminho que percorriam na travessia para Windsor. Desde então, a progressão incluiu um bom troço dos condados ocidentais; os ajudantes de Cromwell, tendo concluído os assuntos da Coroa a tratar em Londres, encontraram-se com o séquito real em meados de agosto. O rei e os seus companheiros dormem o sono dos justos em casas novas de tijolo rosado, em casas velhas cujas fortificações ruíram com o tempo ou foram demolidas e em castelos de fantasia que parecem brinquedos, castelos nunca suscetíveis de fortificação, com paredes que uma bala de canhão meteria dentro como se fossem de papel. A Inglaterra vem desfrutando cinquenta anos de paz. É este o pacto dos Tudor; a paz é o que eles oferecem. Todas as famílias se esforçam por apresentar ao Rei as suas melhores galas e, nestas últimas semanas, temos assistido a algumas operações de reboco acometidas em pânico, a alguns urgentes trabalhos de alvenaria, pois os seus anfitriões afadigam-se para exibir a rosa dos Tudor ao lado das suas próprias insígnias. Procuram e obliteram qualquer rasto de Catarina, rainha que foi, esmigalhando com martelos as romãs de Aragão, os seus fragmentos rachados e as suas sementes esmagadas que voam. Em seu lugar – se não há tempo para esculpir – o falcão de Anne Boleyn é pintado grosseiramente em painéis improvisados.

Hans juntou-se a eles no caminho e fez um retrato da rainha Anne, mas não lhe agradou; como se lhe agrada por estes dias? Desenhou também Rafe Sadler, com a sua barbicha bem aparada e a sua boca determinada, de chapéu à última moda, um disco de plumas precariamente equilibrado na sua cabeça rapada.

– Fez-me o nariz muito achatado, Mestre Holbein – reclama Rafe.

– E terei eu poderes, senhor, para consertar o vosso nariz? – retorque Hans.

– Partiu-o quando era pequeno – diz – a correr na pista. Eu próprio o tirei de baixo das patas do cavalo e era um bem triste espetáculo, a chorar pela mãe. – Apertou o ombro do rapaz. – Vá lá, Rafe, animai-vos. Acho que ficastes muito bonito. Lembrai-vos do que Hans me fez.

Thomas Cromwell tem agora perto de cinquenta anos. Tem um corpo de trabalhador, entroncado, útil, começa a engordar. Tem cabelo preto, que está agora a ficar grisalho, e por causa da sua pele pálida impermeável, que parece feita para resistir tanto à chuva como ao sol, as pessoas regougam que o pai era irlandês, embora na realidade fosse um cervejeiro e ferreiro de Putney, um tosquiador também, um homem dos sete ofícios, belicoso e arruaceiro, um bêbado e um abusador, um homem muitas vezes levado perante os juízes por espancar alguém, por vigarizar alguém. Como o filho de um tal homem alcançou a sua presente eminência é uma pergunta que toda a Europa faz. Dizem uns que subiu com os Boleyn, a família da rainha. Há quem diga que foi tudo graças ao falecido Cardeal Wolsey, seu patrono; Cromwell gozava da sua confiança e fê-lo ganhar dinheiro e conhecia os seus segredos. Outros dizem que cultivava a companhia de feiticeiros. Esteve fora do Reino desde rapaz, mercenário, comerciante de lã, banqueiro. Ninguém sabe ao certo onde esteve e quem conheceu e ele não tem pressa em contar a história. Nunca se poupa ao serviço do Rei, tem consciência do seu valor e dos seus méritos e assegura-se de que são recompensados: lugares, privilégios e títulos de propriedade, casas senhoriais e quintas. Tem um modo de conseguir o que quer, tem um método; é capaz de seduzir

os homens ou suborná-los, persuadi-los ou ameaçá-los, capaz de lhes explicar onde residem os seus verdadeiros interesses e revelará a esses mesmos homens aspetos deles próprios que desconheciam. Todos os dias, o secretário-mor lida com nobres que, se pudessem, o destruiriam com uma palmada vingativa, como se fosse uma mosca. Sabendo isto, distingue-se pela sua cortesia, a sua calma e a sua infatigável atenção aos negócios de Inglaterra. Não tem o hábito de se explicar. Não tem o hábito de falar dos seus êxitos. Mas sempre que a sorte lhe bateu à porta, lá estava, plantado na ombreira, pronto a abrir a porta de par em par ao mais tímido raspar na madeira.

Na casa que tem na cidade, em Austin Friars, o seu retrato sobressai na parede; está envolto em lã e peles, a mão enclavinhada em volta de um documento como se o estivesse a estrangular. Hans empurrara uma mesa para trás para o encurralar e dissera Thomas, não podes rir; e tinham prosseguido nessa base, Hans cantarolando enquanto trabalhava e ele de olhar ferozmente fixo na média distância. Quando viu o retrato acabado, exclamou: “Deus me valha, pareço um assassino”; e o seu filho Gregory disse não sabíeis? Estão a ser feitas cópias para os amigos e para os seus admiradores entre os evangélicos da Alemanha. Não quer separar-se do original – agora não, que já me habituei a ele, costuma dizer – e assim, quando entra em sua casa, encontra versões de si próprio em vários estádios de evolução: um esboço provisório, parcialmente passado a tinta. Com Cromwell, por onde começar? Há quem comece pelos seus pequenos olhos argutos, há quem comece pelo chapéu. Há quem eluda a questão e pinte o seu selo e tesoura, outros escolhem o anel de turquesa, oferecido pelo Cardeal. Por onde quer que comecem, o impacto final é o mesmo: se tivesse qualquer agravo contra nós, não gostaríamos de o encontrar na escuridão da Lua. Walter, o pai dele, costumava dizer: “O meu rapaz Thomas, ele é assim, olhai mal para ele e vaza-vos o olho. Passem-lhe uma rasteira e corta-vos a perna. Mas se não se atravessarem no seu caminho é um verdadeiro cavalheiro. E paga um copo a qualquer pessoa.”

Hans retratou o Rei, benévolo nas suas sedas de verão, sentado com os seus anfitriões depois de cear, as portadas abertas ao trinado

tardio dos pássaros, as primeiras velas a entrarem com as frutas cristalizadas. Em cada etapa da sua progressão, Henry detém-se na casa principal, com a rainha Anne; a sua comitiva pernoita com os fidalgos locais. É costume os anfitriões do Rei, pelo menos quando o Rei está de visita, receberem esses anfitriões periféricos em jeito de agradecimento, o que sobrecarrega os arranjos domésticos. Ele contou os carros de provisões que entraram; viu as cozinhas postas em alvoroço e ele próprio foi lá abaixo àquela hora verde-cinza antes do amanhecer, quando os fornos de tijolo são esfregados para estarem a postos para a primeira fornada de pães, enquanto as carcaças dos animais são postas no espeto, as panelas colocadas nos tripés, as aves depenadas e desmanchadas. O seu tio foi cozinheiro de um arcebispo, e, em criança, ele frequentava as cozinhas do Palácio de Lambeth; conhece a matéria de trás para a frente e nada do que diz respeito ao conforto do Rei deve ser deixado ao acaso.

São dias perfeitos. A luz clara e desanuviada destaca cada um dos bagos que cintilam nas sebes. Cada folha de árvore, com o sol por trás, pende como um fruto doirado. Viajando para oeste no pino do verão embrenhámo-nos em cavalgadas silvestres e subimos à crista das colinas, emergindo naquelas terras onde, de condado para condado, se pode sentir a presença ondulante do oceano. Nesta parte de Inglaterra, os nossos antepassados, os gigantes, deixaram as suas fortificações, os seus túmulos e os seus monumentos de pedra. Todos nós, homens e mulheres de Inglaterra, temos ainda nas nossas veias algumas gotas de sangue de gigante. Nesses tempos antigos, numa terra não profanada pelas ovelhas ou pelo arado, caçavam o javali e o alce. A floresta estendia-se à frente deles por muitos dias. Às vezes, são desenterradas armas antigas: machados que empunhados com as duas mãos podiam cortar ao meio cavalo e cavaleiro. Pense-se nos grandes membros desses homens mortos, que estremecem debaixo de terra. A guerra era a sua natureza e a guerra está sempre desejosa de voltar outra vez. Não é só no passado que se pensa enquanto se cavalga através desses campos. É no que está latente na terra, o que está a nascer; são os dias que virão, as guerras por travar, os ferimentos e mortes que, como sementes, o

solo de Inglaterra mantêm quentes. Pensaríamos, ao ver Henry rir, ao ver Henry rezar, ao vê-lo conduzir os seus homens pelos trilhos da floresta, que está tão seguro no trono em que se senta como no cavalo que monta. À noite, jaz acordado; observa as traves do teto trabalhado; conta os seus dias. Diz: “Cromwell, Cromwell, que hei de fazer?” Cromwell, salva-me do Imperador. Cromwell, salva-me do Papa. Chama depois o seu Arcebispo de Canterbury, Thomas Cranmer, e quer saber: “A minha alma está condenada?”

Lá em Londres, o embaixador do Imperador, Eustache Chapuys, todos os dias espera a notícia de que as gentes de Inglaterra se levantaram contra o seu Rei cruel e ímpio. É uma notícia que anseia fervorosamente ouvir e não olharia a esforços e dinheiro para a tornar realidade. O seu amo, o Imperador Carlos, é senhor dos Países Baixos bem como de Espanha e das suas terras de além-mar; Carlos é rico e, de tempos a tempos, enfurece-o que Henry Tudor se tenha atrevido a pôr de lado a tia dele, Catarina, para casar com uma mulher a que as pessoas nas ruas chamam rameira de olhos arregalados. Em mensagens prementes, Chapuys exorta o seu amo a invadir Inglaterra, a juntar-se aos rebeldes do Reino, pretendentes e descontentes, e a conquistar esta ilha ímpia onde o Rei decretou o seu próprio divórcio por lei do Parlamento e se proclamou a si mesmo Deus. O Papa não leva isto muito a bem, que se riam dele em Inglaterra e o considerem mero “bispo de Roma”, que os seus rendimentos lhe tenham sido cortados e canalizados para os cofres de Henry. Paira sobre Henry a ameaça de uma bula de excomunhão, já preparada mas ainda não promulgada, que o torna um pária entre os Reis cristãos da Europa: que são convidados, mais, encorajados, a atravessar o Mar Estreito ou a fronteira da Escócia e a apropriarem-se de tudo o que lhe pertença. Talvez o Imperador venha. Talvez o Rei de França venha. Talvez venham juntos. Seria agradável dizer que estamos prontos para eles, mas a realidade é diferente. No caso de uma incursão armada podemos ter de tirar do chão os ossos dos gigantes para lhes dar com eles nas cabeças, posto que estamos curtos em munições, curtos em pólvora, curtos em aço. Isto não é culpa de Thomas Cromwell; como diz Chapuys, com

um esgar, o Reino de Henry estaria em melhor ordem se tivesse sido posto a cargo de Cromwell cinco anos antes.

Quem quiser defender Inglaterra, e ele decerto quereria – pois ele próprio sairia a terreiro, de espada na mão –, tem de saber o que Inglaterra é. No calor de agosto, estive de cabeça descoberta à beira dos túmulos esculpido dos antepassados, homens couraçados dos pés à cabeça em malha de metal, as mãos enluvadas juntas e rigidamente pousadas nas túnicas, os pés de malha descansando em leões, grifos, galgos de pedra: homens de pedra, homens de aço, as suas doces esposas encastradas a seu lado como caracóis nas suas conchas. Pensamos que o tempo não pode tocar os mortos, mas toca os seus monumentos, deixando-lhes os narizes e os dedos cortados pelos acidentes e a atrição do tempo. Um minúsculo pé desmembrado (como se fosse de um querubim ajoelhado) emerge de um pedaço de tapeçaria; a ponta de um polegar decepado jaz num coxim esculpido. “Para o ano temos de reparar os nossos antepassados”, dizem os senhores dos condados ocidentais: mas os seus escudos e apoiantes, as suas realizações e feitos têm sempre a tinta fresca e em conversa embelezam os feitos dos seus avós, quem eram e o que tinham: as armas que o meu avô empunhou em Agincourt, a taça que pela sua própria mão John de Gaunt deu ao meu avô. Se nas passadas guerras de York e Lancaster os seus pais e avós escolheram o lado errado, não dizem uma palavra. Uma geração depois, os erros devem ser perdoados, as reputações refeitas; de outro modo Inglaterra não pode avançar, recairá sempre numa espiral que a levará para trás até ao tenebroso passado.

Ele não tem antepassados, é claro: não daquela espécie de que nos gabamos. Houve em tempos uma família nobre de nome Cromwell e quando ele ascendeu no serviço do Rei os heraldos instaram-no a adotar a sua cota de armas a bem das aparências; mas não lhes sou nada, tinha ele dito cortesmente, e não quero os feitos deles. Fugira dos punhos do pai quando não tinha mais de quinze anos; atravessou o Canal, tomou serviço no exército do Rei de França. Tinha lutado desde que aprendera a andar; e se havemos de lutar, porque não ser pagos por isso? Há mesteres mais lucrativos do que

o de soldado e descobriu quais eram. De modo que decidiu não se apressar a voltar para casa.

E agora, quando os seus anfitriões titulados querem conselhos sobre a colocação de uma fonte, ou de um grupo das Três Graças a dançarem, o Rei diz-lhes, aqui o Cromwell é o vosso homem; Cromwell, sim, ele viu como se fazem as coisas em Itália e o que é bom para eles também será bom para o Wiltshire. Às vezes, o Rei deixa um lugar acompanhado só do pessoal de montaria, a rainha com as suas damas e músicos ficam para trás, enquanto o Rei e os seus poucos favoritos atravessam a região caçando com afinco. E é assim como chegam a Wolf Hall, onde Sir John Seymour está à espera para lhes dar as boas-vindas, rodeado da sua florescente família.

– Não sei, Cromwell – diz o velho Sir John. Toma-o pelo braço, cordial. – Todos esses falcões com nomes de mulheres mortas... não vos desalentam?

– Nunca estou desalentado, Sir John. O mundo é bom de mais comigo.

– Devíeis casar outra vez e ter outra família. Talvez encontréis uma noiva enquanto estiverdes connosco. Nas florestas de Savernake há muitas mulheres novas e frescas.

– Ainda tenho Gregory – diz, olhando por cima do ombro à procura do seu filho; está sempre um tanto ansioso a respeito de Gregory.

– Ah – diz Seymour –, está muito bem ter rapazes, mas um homem precisa também de filhas, as filhas são um consolo. Olhai para Jane. Uma rapariga tão boa.

Ele olha para Jane Seymour, como o pai dela indica. Conhece-a bem da corte, dado que ela era dama de companhia de Catarina, a anterior rainha, e de Anne, a que é rainha agora; é uma rapariga recatada com uma palidez de prata, o hábito do silêncio e uma maneira peculiar de olhar para os homens como se representassem uma surpresa desagradável. Está a usar pérolas e um vestido de brocado branco bordado com raminhos de cravos muito tesos.

Ele reconhece uma despesa considerável; sem contar com as pérolas, ninguém se apresenta assim por muito menos de trinta libras. Não admira que se mexa com uma preocupação cautelosa, como uma criança a quem foi recomendado que não entorne nada em cima de si.

– Jane, agora que te encontramos em casa com a tua gente, estais menos tímida? – pergunta o Rei, tomando-lhe a mão pequenina na sua ampla mão. – Na corte nunca lhe ouvimos uma palavra.

Jane levanta os olhos para ele, corando do pescoço à raiz dos cabelos.

– Alguma vez viram um rubor assim? – pergunta Henry. – Nunca, só numa miúda de doze anos.

– Não posso pretender ter doze anos – diz Jane.

À ceia, o Rei senta-se ao lado de Lady Margery, a anfitriã. No seu tempo, foi uma beldade e, pela requintada atenção do Rei, pensar-se-ia que ainda o é agora; teve dez filhos e seis deles ainda são vivos e três estão nesta sala. Edward Seymour, o herdeiro, tem uma cabeça comprida, uma expressão séria, um fero perfil bem definido: um belo homem. Tem instrução, embora não seja um estudioso, aplica-se com sabedoria em qualquer cargo que lhe seja atribuído; esteve na guerra e, enquanto espera por tornar a combater, desempenha bem o seu papel na caça e nos torneios. O Cardeal, no seu tempo, marcara-o como acima do normal na linhagem dos Seymour; e ele próprio, Thomas Cromwell, sondou-o e achou-o um homem do Rei em todos os aspetos. Tom Seymour, o irmão mais novo de Edward, é ruidoso e turbulento e de mais interesse para as mulheres; quando entra numa sala há risinhos nas virgens e as jovens matronas baixam as cabeças e examinam-no por debaixo das pestanas.

O velho Sir John é um homem com um espírito de família duvidoso. Dois, três anos antes, só se falava na corte de como tinha montado a mulher do filho, não uma vez no calor da paixão mas repetidamente, desde que era noiva. A rainha e as suas confidentes tinham espalhado a história pela corte. “Calculámos que umas 120 vezes”, tinha dito Anne num frouxo de riso. “Bem, quem calculou foi Thomas Cromwell e ele tem boa cabeça para os números.

Supomos que se abstiveram um domingo em nome do pudor e abrandaram na Páscoa.” A mulher traidora deu à luz dois rapazes e, quando a conduta dela veio a lume, Edward declarou que não os aceitaria como seus herdeiros visto não poder ter a certeza se eram seus filhos ou seus meios-irmãos. A adúltera foi fechada num convento e depressa lhe fez o favor de morrer; tem agora uma nova mulher, que cultiva uns modos altaneiros e traz no bolso um estilete para o caso de o sogro se chegar perto de mais.

Mas está perdoado, está perdoado. A carne é frágil. Esta visita real sela o perdão do velho. John Seymour possui 525 hectares, incluindo o seu parque de veados, a maior parte do resto para ovelhas e valendo dois xelins por hectare por ano, proporcionando-lhe um rendimento de uns vinte e cinco por cento apenas do que a mesma área lhe daria sob o arado. As ovelhas são animais de focinho escuro cruzados com casta galesa da montanha, má carne mas lã bastante boa. Quando, à chegada, o Rei (na sua veia bucólica) pergunta:

– Cromwell, quanto pesará aquele animal?

– Onze quilos, Senhor – responde ele, sem o sopesar.

– O senhor Cromwell já foi tosquiador. Não deve estar enganado – comenta Francis Weston, um jovem cortesão, com ar trocista.

– Seríamos um país pobre sem o nosso comércio de lã. Que o senhor Cromwell conheça o negócio não é para seu descrédito – replica o Rei.

Mas Francis Weston esconde um sorriso com a mão.

Amanhã Jane Seymour vai caçar com o Rei.

– Pensei que eram só homens – ouve Weston sussurrar. – A rainha zangava-se se soubesse. – Murmura: então assegura-te de que o não saiba, ora aí está.

– Aqui em Wolf Hall somos todos grandes caçadores – gaba-se Sir John –, incluindo as minhas filhas, Jane parece-vos tímida mas é pô-la em cima de um cavalo e garanto-vos, senhores, que é a deusa Diana em pessoa. Nunca incomodei as minhas raparigas com aulas, sabem. Aqui Sir James ensinou-lhes tudo o que precisavam.

O padre ao fundo da mesa assente, satisfeito: um velho parvo com cabelos brancos, olhos turvos. Ele, Cromwell, volta-se para ele:

– E fostes vós quem as ensinastes a dançar, Sir James? Bem mereceis parabéns. Vi Elizabeth, irmã de Jane, na corte, fazendo par com o Rei.

– Ah, para isso tiveram um professor – gargalha o velho Seymour. – Professor de dança, professor de música, é o bastante para elas. Não lhes fazem falta línguas estrangeiras. Não vão a parte nenhuma.

– Penso de outra forma, Sir – diz ele. – Dei às minhas filhas a mesma educação que ao meu filho.

Às vezes, ele gosta de falar delas, Anne e Grace: desaparecidas faz agora sete anos. Tom Seymour ri-se.

– O quê, puseste-las no pátio de torneios com Gregory e o jovem senhor Sadler?

Ele sorri:

– Tirando isso.

– Não é incomum que as filhas de uma família da cidade aprendam as suas letras e um pouco mais além disso – diz Edward Seymour. – Podíeis tê-las querido num escritório de contabilidade. Já se ouviu falar. Ajudava-as a arranjar bons maridos, uma família de mercadores apreciaria essa preparação.

– Imaginem as filhas do senhor Cromwell – diz Weston. – Eu nem me atrevo. Duvido que um escritório de contabilidade as pudesse conter. É de calcular que teriam uma mão certa para o machado. Bastaria deitar-lhes um olhar para qualquer homem sentir o chão fugir-lhe debaixo dos pés. E não quero dizer com isto que fossem fulminados pelo amor.

Gregory reage. É tão sonhador que dificilmente se admite que tenha estado a seguir a conversa mas o tom em que fala é dorido.

– Insultais as minhas irmãs e a sua memória, senhor, e nunca as conhecestes. A minha irmã Grace...

Vê Jane Seymour estender a sua mão pequena e tocar no pulso de Gregory: para o salvar, arriscar-se-á a chamar a atenção dos presentes.

– Ultimamente – diz –, aprendi alguma coisa da língua francesa.

– Aprendeste mesmo, Jane? – Tom Seymour sorri.

Jane baixa a cabeça.

– A Mary Shelton está a ensinar-me.

– A Mary Shelton é uma rapariga muito amável – diz o Rei; e pelo canto do olho ele vê Weston acotovelar o seu vizinho; diz-se que a amabilidade de Shelton com o Rei foi na cama.

– Portanto já vedes – diz Jane aos irmãos –, nós, senhoras, não passamos o nosso tempo em calúnias e escândalos vãos. Embora Deus saiba que temos mexericos que chegavam para uma cidade inteira de mulheres.

– Ah tendes? – diz ele.

– Falamos sobre quem está apaixonado pela rainha. Quem lhe escreve versos. – Baixa os olhos. – Quero dizer, quem está apaixonado por todas nós. Este ou aquele fidalgo. Conhecemos todos os nossos pretendentes e fazemos o seu inventário dos pés à cabeça, corariam se soubessem. Dizemos que terras têm e quanto recebem por ano e depois decidimos se os deixaremos escrever-nos um soneto. Se pensamos que não nos podem manter em grande estilo desdenharemos das suas rimas. É cruel, já vos digo.

Ele diz, com certo desconforto, que não há mal em escrever versos a senhoras, mesmo às casadas, na corte é habitual. Weston diz obrigado por essa palavra amável, senhor Cromwell, pensámos que podíeis estar tentado a fazer-nos desistir.

Tom Seymour inclina-se para a frente, rindo.

– E quem são os teus pretendentes, Jane?

– Se queres saber isso, tens de pôr um vestido, pegar no teu trabalho de costura e vir juntar-te a nós.

– Como Aquiles entre as mulheres – diz o Rei. – Tens de rapar a tua bela barba, Seymour, e ir lá e descobrir os seus pequenos segredos brejeiros. – Está a rir mas não está contente. – A não ser que encontremos alguém mais feminino para a tarefa. Gregory, és um rapaz bonito mas temo que as tuas grandes mãos te denunciem.

– É neto do ferreiro – diz Weston.

– Esse miúdo, Mark – diz o Rei. – O músico, conheci-lo? Aí tens uma macia aparência feminina.

– Oh – diz Jane –, Mark está connosco de qualquer maneira. Passa o tempo connosco. Quase não o consideramos um homem. Se quereis saber os nossos segredos, perguntai ao Mark.

A conversa dispersa-se noutra direção qualquer; ele pensa, nunca me apercebi que Jane tivesse alguma coisa a dizer por si mesma; pensa, Weston está provocar-me, sabe que na presença de Henry não lhe darei resposta; imagina que forma há de tomar essa resposta, quando for dada. Rafe Sadler olha-o pelo canto do olho.

– Bem – diz-lhe o Rei –, em que é que amanhã será melhor do que hoje? – A toda a mesa da ceia explica: – O senhor Cromwell não consegue dormir se não estiver a emendar alguma coisa.

– Vou reformar a conduta do chapéu de Vossa Majestade. E aquelas nuvens, antes do meio-dia...

– Fazia-nos falta a chuvada. A água refrescou-nos.

– Deus não mande a Vossa Majestade uma molha pior – diz Edward Seymour.

Henry esfrega a faixa de pele que o sol queimou.

– O cardeal achava que era capaz de mudar o tempo. Está uma manhã bastante boa, dizia ele, mas pelas dez vai estar mais sol. E estava.

Henry às vezes faz isto; deixa cair o nome de Wolsey no meio da conversa, como se não tivesse sido ele mas outro monarca a perseguir o cardeal até à morte.

– Alguns homens têm olho para o tempo – diz Tom Seymour. – É só isso, Senhor. Não é um dom especial dos cardeais.

Henry assente, sorrindo.

– É verdade, Tom. Eu nunca devia ter-lhe devotado tanta admiração, pois não?

– Para súbdito, era orgulhoso de mais – diz o velho Sir John.

O Rei olha para ele, Thomas Cromwell, ao longo da mesa. Ele era amigo do cardeal. Toda a gente aqui o sabe. A sua expressão está tão cuidadosamente vazia como uma parede acabada de pintar.

Depois da ceia, o velho Sir John conta a história de Edgar, o Pacífico. Era quem governava aquelas paragens, muitas centenas

de anos atrás, antes de os Reis terem números: quando todas as donzelas eram lindas donzelas e todos os cavaleiros eram galantes e a vida era simples, violenta e habitualmente breve. Edgar tem uma noiva em mente e mandou um dos seus condes avaliá-la. O conde, que era tão falso como ardiloso, mandou dizer de volta que a beleza dela tinha sido muito exagerada por poetas e pintores; vista na vida real, dizia, coxeava e era vesga. O seu objetivo era ficar com a tenra donzela para si próprio e assim seduziu-a e casou com ela. Ao descobrir a traição do conde, Edgar montou-lhe uma emboscada, num arvoredado não longe dali, e atravessou-o com um dardo, matando-o de um só golpe.

– Que canalha traiçoeiro era o tal conde! – diz o Rei. – Teve a sua paga.

– Chamai-lhe antes vilão que barão – diz Tom Seymour.

O seu irmão suspira, como a distanciar-se da observação.

– E que disse a senhora? – pergunta; ele, Cromwell. – Quando encontrou o seu conde no espeto?

– A donzela casou com Edgar – diz Sir John. – Casaram-se no bosque e foram felizes para sempre.

– Suponho que ela não teve alternativa – suspira Lady Margery. – As mulheres têm de se adaptar.

– E diz a gente daqui – acrescenta Sir John – que o conde indigno ainda vagueia pelos campos, a gemer e a tentar extrair a lança da barriga.

– Imaginem só – exclama Jane Seymour –, em qualquer noite de luar, pode uma pessoa olhar pela janela e vê-lo, puxar e queixar-se todo o tempo. Felizmente, não acredito em fantasmas.

– Mais parva és, irmã – diz Tom Seymour. – Apanham-te de surpresa, minha menina.

– Ainda assim – continua Henry. Mima o lançamento de um dardo: embora do modo comedido que se impõe à mesa de uma ceia. – Um golpe certo. Esse Rei Edgar devia ter um bom braço.

Diz ele – ele, Cromwell:

– Gostava de saber se essa história foi posta por escrito e, se o foi, por quem e se estava sob juramento.

– Cromwell teria levado o conde perante um júri e um juiz – diz o rei.

– Deus abençoe Vossa Majestade – ri Sir John –, não penso que os tivessem nesse tempo.

– Cromwell havia de os descobrir. – O jovem Weston inclina-se para a frente para sublinhar o seu ponto. – Desencantaria um júri, ia buscá-lo a um campo de cogumelos. E depois estava tudo arrumado para o conde, julgavam-no, levavam-no e cortavam-lhe a cabeça. Dizem que, no julgamento de Thomas More, aqui o secretário-mor seguiu o júri até à sala de deliberações e, quando estavam todos sentados, fechou a porta atrás de si e ditou as condições. “Deixem-me tirar-lhes qualquer dúvida”, disse ele aos jurados. “A vossa tarefa é achar Sir Thomas culpado e não há jantar até o terem feito.” Depois saiu e tornou a fechar a porta, mantendo-se do lado de fora com uma machadinha na mão para o caso de quererem escapar-se para ir buscar alguma empada quente; e sendo londrinos, preocupados acima de tudo com os seus estômagos, assim que os sentiram roncar, gritaram: “Culpado! Não pode haver mais culpado!”

Todos os olhos se fixam nele, Cromwell. Rafe Sadler, a seu lado, está tenso de irritação.

– É uma bela história – diz Rafe a Weston –, mas pergunto-vos, por minha vez, onde é que isso está escrito? Julgo que verificareis que o meu amo é sempre correto nos seus tratos com os tribunais.

– Não estáveis lá – diz Francis Weston. – Ouvi-a de um desses próprios jurados. Gritavam: “Toca a despachá-lo, levem o traidor e tragam-nos uma perna de cordeiro.” E Thomas More foi levado para a sua morte.

– Dais a impressão de que o lamentais – comenta Rafe.

– Eu não – Weston levanta as mãos. – Anne, a rainha, diz, deixem que a morte de More seja um aviso para todos os traidores dessa espécie. Por grande que seja o seu crédito, por velada que seja a sua traição, Thomas Cromwell descobri-los-á.

Há um murmúrio de assentimento; por um momento, ele pensa que os convivas se vão voltar para ele e aplaudi-lo. Então, Lady Margery leva um dedo aos lábios e acena com a cabeça na direção

do Rei. Sentado à cabeceira da mesa, começou a descair para a direita; as suas pálpebras cerradas tremem e a sua respiração é sossegada e profunda.

Os convivas trocam sorrisos.

– Bêbado de ares do campo – sussurra Tom.

Sempre é melhor do que bêbado de bebida; o Rei, por estes dias, pede a jarra de vinho com mais frequência do que fazia na sua juventude escorreita e desportiva. Ele, Cromwell, observa enquanto Henry oscila na cadeira. Primeiro para a frente, como se quisesse descansar a testa na mesa. Depois tem um sobressalto e um repelão para trás. Escorre-lhe da boca pela barba abaixo um fio de baba.

Este seria o momento para Harry Norris, o principal entre os fidalgos da Câmara Privada, Harry com o seu andar silencioso e a sua branda mão que não julga, trazer de volta à vigília com um murmúrio o seu soberano. Mas Norris partiu país fora, levando a carta de amor do Rei para Anne. Portanto, que fazer? Henry não tem a aparência de uma criança cansada, como podia ter tido cinco anos atrás. Tem a aparência de qualquer homem de meia-idade, abandonado ao torpor depois de uma refeição pesada de mais; está inchado e balofo e rebentou-lhe uma veia aqui e além e, mesmo à luz das velas, pode ver-se que o seu cabelo baço está a ficar grisalho. Ele, Cromwell, acena com a cabeça ao jovem Weston.

– Francis, requer-se o teu toque cavalheiresco.

Weston faz de conta que não ouviu. Tem os olhos postos no Rei e o seu rosto exhibe uma indisfarçada expressão de repugnância. Tom Seymour sussurra:

– Penso que devíamos fazer um barulho qualquer. Para o acordar naturalmente.

– Que espécie de barulho? – articula o seu irmão Edward.

Tom faz o gesto de se agarrar às costelas.

Os sobrolhos de Edward levantam-se.

– Ri-te, se te atreves. Ele vai pensar que te estás a rir de se ter babado.

O Rei começa a risonar. Tomba para a esquerda. Inclina-se perigosamente por cima do braço da cadeira.

– Fazei vós isso, Cromwell – diz Weston. – Não há homem mais respeitado por ele do que vós. – Abana a cabeça, sorrindo.

– Deus salve Sua Majestade – exclama Sir John, piamente. – Já foi mais novo.

Jane levanta-se. Um roçagar seco dos raminhos de cravos. Dobra-se sobre o Rei e bate-lhe nas costas da mão: vivamente, como se estivesse a experimentar um queijo. Henry dá um salto e os olhos piscam e abrem-se.

– Não estava a dormir – declara. – Não estava. Estava a só a descansar os olhos.

Depois de o Rei ter ido para cima, Edward Seymour diz:

– Secretário-mor, está na hora da minha desforra.

– Que vos fiz eu? – retorque, inclinado para trás, de copo na mão.

– Um jogo de xadrez. Calais. Estou certo de que vos lembrais.

Fim do outono, no ano de 1532: a noite em que o Rei pela primeira vez foi para a cama com a que é rainha agora. Antes de se deitar para ele, Anne obrigou-o a jurar uma promessa sobre a Bíblia, que se casaria com ela logo que estivessem de volta a solo inglês. Mas os temporais retiveram-nos no porto e o Rei aproveitou bem tempo, tentando fazer nela um filho.

– Fizestes-me um xeque-mate, senhor Cromwell – diz Edward. – Mas só porque me distraístes.

– Como o fiz?

– Com perguntas sobre a minha irmã Jane. Que idade tinha e assim por diante.

– Pensastes que eu estava interessado nela.

– E estais? – Edward sorri para tirar ferro à pergunta grosseira. – Ela ainda não está comprometida, sabeis.

– Disponde as peças – diz ele. – Quereis o tabuleiro na posição em que estava quando perdestes o fio ao jogo?

Edward olha para ele, cuidadosamente inexpressivo. Relatam-se coisas incríveis da memória de Cromwell. Ele sorri para consigo. Podia com um mínimo de conjectura dispor as peças como estavam; sabe o tipo de jogo que um homem como Seymour escolhe.

– Devemos começar de novo – sugere. – O mundo avança. Aceitais seguir as regras italianas? Não gosto de competições que se arrastam por uma semana.

Os movimentos de abertura mostram alguma audácia por parte de Edward. Mas depois, um peão seguro nas pontas dos dedos, Seymour inclina-se para trás na cadeira, franzindo o sobrolho e mete-se-lhe na cabeça falar de Santo Agostinho; e de Santo Agostinho passa a Martinho Lutero.

– São ensinamentos que aterram o nosso coração – diz. – Que Deus nos tenha criado só para nos condenar. Que as suas pobres criaturas, salvo algumas poucas dentre elas, nascem para lutar neste mundo e depois para o fogo eterno. Às vezes temo que seja verdade. Mas acabo por esperar que não.

– O gordo Martinho já modificou a sua posição. É o que oiço, pelo menos. E para nosso conforto.

– O quê, vão salvar-se mais alguns de nós? Ou as nossas boas obras não são inteiramente inúteis aos olhos de Deus?

– Não devo falar por ele. Devíeis ler Philip Melanchthon. Vou mandar-vos o seu novo livro. Tenho esperança de que nos venha visitar a Inglaterra. Estamos em conversações com a gente dele.

Edward comprime a pequena cabeça redonda do peão contra os lábios. Parece que talvez vá tamborilar os dentes com ele.

– O Rei consenti-lo-á?

– Não deixaria entrar o próprio Irmão Martinho. Nem sequer pode ouvir pronunciar o nome dele. Mas Philip é um homem mais fácil e seria bom para nós, seria muito bom para nós, se chegássemos a alguma aliança favorável com os príncipes alemães que são partidários dos evangelhos. Pregava um susto ao Imperador se tivéssemos amigos e aliados nos seus próprios domínios.

– E é só isso que significa para vós? – O cavalo de Edward vai saltitando por cima das casas. – Diplomacia?

– Estimo a diplomacia. Sai barata.

– Dizem, no entanto, que também sois devoto dos evangelhos.

– Não é segredo para ninguém. – Franze o sobrolho. – Quereis mesmo fazer isso, Edward? Estou a ver que tenho o caminho aberto

para a vossa rainha. E não gostaria de tornar a abusar de vós e ter-vos a dizer que estraguei o vosso jogo com tagarelices sobre o estado da vossa alma.

– E como passa a vossa rainha ultimamente? – perguntou com sorriso enviesado.

– Anne? Está de mal comigo. Sinto a cabeça estremecer sobre os meus ombros de cada vez que me olha fixamente. Ouviu dizer que uma ou duas vezes falei favoravelmente de Catarina, a rainha que foi.

– E é verdade?

– Só para admirar a sua coragem. A qual, toda a gente tem de admitir, se tem mostrado firme na adversidade. E mais, a rainha pensa que sou excessivamente favorável à Princesa Mary, quero dizer, Lady Mary, como agora temos de lhe chamar. O Rei ainda gosta muito da sua filha mais velha, diz que não o pode evitar; e isso agasta Anne, porque ela quer que a Princesa Elizabeth seja a única filha que ele conhece. Pensa que somos brandos de mais para com Mary e que devíamos obrigá-la a admitir que a mãe nunca esteve legalmente casada com o Rei e ela é uma bastarda.

Edward roda o peão branco entre os dedos, olha-o dubitativamente, pousa-o na sua casa.

– Mas não é esse o estado de coisas? Pensava que já a tínheis feito reconhecer isso.

– Resolvemos a questão não a levantando. Ela sabe que está posta fora da sucessão e penso que não devemos forçá-la para além de certo ponto. Sendo o Imperador sobrinho de Catarina e primo de Lady Mary, tento não o provocar. Carlos tem-nos na palma da mão, percebeis? Mas Anne não compreende a necessidade de aplacar as pessoas. Pensa que se falar docemente a Henry já faz o suficiente.

– Enquanto vós tendes de falar docemente à Europa.

Edward ri-se. O riso dele tem um som ferrugento. Os olhos dizem, estais a ser muito franco, senhor Cromwell: porquê?

– Além disso – os seus dedos pairam sobre o cavalo preto –, tornei-me grande demais para o gosto da rainha, desde que o Rei me nomeou seu adjunto nos assuntos da igreja. Detesta que Henry oiça

alguém a não ser ela própria e o seu irmão George e Monsenhor seu pai, e mesmo o pai também prova o lado mais áspero da sua língua e tem de ouvir que é um cobarde e uma perda de tempo.

– E como toma ele isso? – Edward baixa os olhos para o tabuleiro. – Oh.

– Prestai bem atenção agora – insta-o ele. – Quereis mesmo jogar até ao fim?

– Desisto, acho eu. – Um suspiro. – Sim. Desisto.

Ele, Cromwell, varre as peças para o lado, reprimindo um bocejo.

– E nunca mencionei a vossa irmã Jane, ou mencionei? Qual é agora a vossa desculpa?

Ao subir as escadas, vê Rafe e Gregory aos pulos perto da grande janela. Saltam e bulham, com os olhos postos em qualquer coisa invisível a seus pés. A princípio pensa que estão a jogar à bola sem bola. Mas depois eles elevam-se no ar como dançarinos e acalcanham a coisa e ele vê que é longa e magra, um homem caído. Curvam-se para beliscar e esmurrar, para torcer.

– Calma – diz Gregory –, não lhe partas ainda o pescoço, preciso de o ver sofrer.

Rafe levanta os olhos e simula limpar a testa. Gregory descansa as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego, depois toca a vítima com o pé.

– Isto é Francis Weston. Pensais que está a ajudar o Rei a meter-se na cama mas na realidade temo-lo aqui sob a forma de fantasma. Emboscámo-lo ao virar de uma esquina com uma armadilha de rede.

– Estamos a castigá-lo – Rafe inclina-se para o chão. – Olá, meu senhor, já estais arrependido? – Cospe nas palmas das mãos.

– Que fazemos agora com ele, Gregory?

– Alça-o e janela fora com ele.

– Cautela – diz ele. – Weston goza do favor do Rei.

– Então conservá-lo-á mesmo com a cabeça achatada – diz Rafe. Lutam e empurram-se para se tirar um ao outro da frente e ser o

primeiro a esborrachar Francis. Rafe abre uma janela e ambos se dobram para fazer alavanca, levantando o fantasma por cima do parapeito. Gregory ajuda a fazê-lo passar, desprendendo a sua jaqueta onde ela se enganchou e com um empurrão despeja-o de cabeça no empedrado. Debruçam-se a espreitar o resultado.

– Ressaltou – observa Rafe e depois sacodem o pó das mãos, a sorrir para ele. – Damo-vos as boas noites, senhor – diz Rafe.

Mais tarde, Gregory está sentado em camisa aos pés da cama, o cabelo revoltado, os sapatos descalçados de um pontapé, um pé nu roçando distraidamente a esteira:

– Tenho então de casar? Vou casar com Jane Seymour?

– No princípio do verão pensavas que eu te ia casar com uma velha viúva rica com um parque de veados.

As pessoas metem-se com Gregory: Rafe Sadler, Thomas Wriothesley, os outros rapazes da sua casa; o seu primo, Richard Cromwell.

– Sim, mas porque estáveis a falar com o irmão dela a estas horas? Primeiro foi o xadrez e depois conversa, conversa, conversa. Dizem que vós próprio gostáveis de Jane.

– Quando?

– O ano passado. Gostastes dela o ano passado.

– Se gostei não me lembro.

– Disse-mo a mulher de George Boleyn. Lady Rochford. Disse ela, talvez venhas a ter uma madrasta jovem procedente de Wolf Hall, o que é que acharás disso? Se vós próprio gostais de Jane – Gregory franze o sobrolho –, mais vale que ela não se case comigo.

– Pensas que ia roubar a tua noiva? Como o velho Sir John?

Assim que deita a cabeça na almofada, diz:

– Chiu, Gregory.

Fecha os olhos. Gregory é bom rapaz, embora o Latim que aprendeu e as sonoras frases dos grandes autores lhe tenham rolado através da cabeça e voltado a sair, como pedras. Ainda assim, pensa no rapaz de Thomas More: filho de um sábio admirado por toda a Europa e o pobre rapaz, John, mal consegue balbuciar o seu *Pater*

Noster. Gregory é um belo arqueiro, um belo cavaleiro, uma estrela rutilante no pátio dos torneios e ninguém tem nada a dizer das suas maneiras. Fala reverentemente aos seus superiores, sem arrastar os pés ou apoiar-se numa só perna, e é amável e cortês com os que estão abaixo dele. Sabe cumprimentar os diplomatas estrangeiros ao modo dos seus próprios países, senta-se à mesa sem se remexer ou dar de comer aos cães, é capaz de trincar e partir qualquer ave, se lhe for pedido que sirva os mais velhos. Não se arrasta por aí com a jaqueta pendurada num dos ombros ou se remira nas janelas ou interrompe os velhos ou acaba por eles as suas histórias. Se alguém espirra, diz: 'Deus vos salve!'

Deus vos salve, senhor ou senhora.

Gregory levanta a cabeça.

– Thomas More – diz. – O júri. Foi mesmo assim que aconteceu?

Tinha reconhecido a história do jovem Weston: em termos gerais mesmo sem assentir aos pormenores. Ele fecha os olhos.

– Eu não tinha nenhuma machadinha – confessa.

Está cansado: dirige-se a Deus; diz: Deus me guie. Às vezes, quando está quase a adormecer, a grande presença escarlate do cardeal passa-lhe por trás dos olhos. Gostaria que o morto fizesse profecias. Mas o seu antigo patrono só fala de assuntos domésticos, assuntos de trabalho. Onde terei posto aquela carta do Duque de Norfolk?, pergunta ele ao cardeal; e no dia seguinte virá parar à sua mão.

Fala mentalmente: não com Wolsey mas com a mulher de George Boleyn.

– Não tenho qualquer desejo de casar. Não tenho tempo. Era feliz com a minha mulher mas Liz está morta e essa parte da minha vida morreu com ela. Quem, em nome de Deus, lhe deu licença, Lady Rochford, para especular sobre as minhas intenções? Minha senhora, não tenho tempo para cortejar. Tenho cinquenta anos. Na minha idade, uma pessoa sairia a perder num contrato a longo prazo. Se quiser uma mulher, melhor alugar uma à hora.

No entanto, ele tenta não dizer 'na minha idade': pelo menos quando está acordado. Num dia bom pensa que ainda lhe restam uns vinte anos. Muitas vezes pensa que Henry partirá antes dele,

embora em termos estritos não seja permitido ter esse tipo de pensamentos; há uma lei contra especulações sobre o termo da vida do Rei, embora Henry tenha estudado toda a vida formas inventivas de morrer. Houve vários acidentes de caça. Quando ainda era menor de idade, o conselho proibiu-o de participar em justas mas ele não fez caso, o rosto escondido pelo elmo e a armadura sem artifícios, revelando-se uma e outra vez o homem mais forte em campo. Em batalha contra os franceses distinguiu-se e a sua natureza, como muitas vezes refere, é guerreira; seria conhecido sem dúvida como Henry, o Valente, mas Thomas Cromwell diz que não se pode dar ao luxo de uma guerra. Não é só a despesa que conta: que será de Inglaterra se Henry morre? Esteve casado vinte anos com Catarina, este outono serão três com Anne, e nada que se veja a não ser uma filha de cada uma e um cemitério inteiro de bebês mortos, alguns meio-formados e batizados com sangue, alguns nascidos vivos mas mortos em horas, em dias, em semanas quando muito. Todo o alvoroço, o escândalo, para fazer o segundo casamento e mesmo assim. Mesmo assim não tem um filho que se lhe siga. Tem um bastardo, Harry, Duque de Richmond, um belo rapaz de dezasseis anos, mas de que lhe serve um bastardo? De que lhe serve a criança de Anne, a pequena Elizabeth? Algum mecanismo especial poderá ter de ser criado de modo que Harry Richmond possa reinar, caso alguma coisa que não seja boa venha a acontecer ao pai. Ele, Thomas Cromwell, está nas melhores graças do jovem duque; mas esta dinastia, ainda nova em matéria de reinar, não está suficientemente firme para sobreviver a tal curso. Os Plantagenetas foram Reis em tempos e pensam voltar a ser Reis; pensam que os Tudor são um interlúdio. As velhas famílias de Inglaterra estão irrequietas e prontas a apresentar as suas reivindicações, especialmente desde que Henry rompeu com Roma; dobram o joelho, mas estão a conspirar. Quase pode ouvi-las, escondidas entre as árvores.

Talvez possais encontrar uma noiva na floresta, tinha dito o velho Seymour. Quando fecha os olhos ela desliza por detrás deles, com um véu de teias de aranha e salpicada de orvalho. Tem os pés descalços, entrelaçados com raízes, o seu cabelo fino voa para os

ramos; o dedo, que chama, é uma folha encaracolada. Aponta para ele, ao tempo que o sono o vence. A sua voz interior troça dele agora: julgavas que ias ter umas férias em Wolf Hall. Pensavas que não haveria nada que fazer aqui a não ser os assuntos do costume, a guerra e a paz, fomes, conluios pérfidos; uma má colheita, uma população obstinada; a peste que devasta Londres e o Rei a perder até a camisa às cartas. Estavas preparado para isso.

Na borda da sua visão interior, por detrás dos seus olhos fechados, sente qualquer coisa em transe de nascer. Chegará com a luz da manhã; uma coisa que se remexe e respira, a sua forma dissimulada num bosque ou num arvoredado.

Antes de dormir pensa no chapéu do Rei empoleirado numa árvore da meia-noite, como uma ave do paraíso.

No dia seguinte, de modo a não cansar as senhoras, abreviam os desportos do dia e voltam cedo para Wolf Hall.

Para ele é uma oportunidade de tirar as roupas de montar e embrenhar-se nos despachos. Tem esperança de que o Rei se sente por uma hora e ouça o que ele precisa de lhe dizer. Mas Henry diz:

– Lady Jane, quereis dar um passeio no jardim comigo?

Ela põe-se logo de pé; mas franzindo o sobrolho, como se tentasse perceber o sentido da pergunta. Move os lábios, só lhe falta repetir as palavras dele: passeio... Jane?... No jardim?

Sim, claro, muito honrada. A mão dela, uma pétala, paira acima da manga dele; depois desce e a carne roça as bordaduras.

Há três jardins em Wolf Hall e chamam-lhes o jardim grande desbotado, o jardim da velha senhora e o jardim da jovem senhora. Quando ele pergunta quem eram, ninguém se lembra; a senhora velha e a senhora jovem são pó há muito tempo, não há agora diferença entre elas. Recorda o seu sonho: a noiva feita de fibra de raízes, a noiva feita de bolor.

Lê. Escreve. Há qualquer coisa que lhe chama a atenção. Põe-se de pé e deita uma olhadela pela janela aos caminhos lá em baixo. Os vidros da janela são pequenos e há uma ondulação no vidro, de maneira que tem de torcer o pescoço para conseguir ver bem. Pensa,

podia cá mandar os meus vidraceiros, ajudar os Seymour a terem uma ideia mais nítida do mundo. Tem uma equipa de holandeses que trabalham para ele nas suas várias propriedades. Trabalhavam para o cardeal antes dele.

Henry e Jane estão a caminhar lá em baixo. Henry é uma figura maciça e Jane é como uma pequena boneca articulada, a cabeça dela não chega aos ombros do Rei. Um homem largo, um homem grande, Henry domina qualquer sala; fá-lo-ia mesmo que Deus não lhe tivesse dado o dom da realeza.

Jane está agora atrás de uma sebe. Henry está a abanar a cabeça para ela; está a falar com ela; está a convencê-la de alguma coisa e ele, Cromwell, observa, coçando o queixo: estará a cabeça do Rei a ficar maior? Será isso possível, na meia-idade?

Hans terá reparado, pensa, vou perguntar-lhe quando voltar para Londres. O mais provável é estar a laborar num erro; provavelmente é apenas do vidro.

Estão a juntar-se nuvens. Uma pesada gota de chuva bate no vidro; pisca os olhos; a gota alastra, alarga, escorre contra as barras da esquadria. Jane emerge na sua linha de visão. Henry tem a mão dela firmemente pregada no seu braço, apertando-a com a sua outra mão. Consegue ver a boca do Rei, ainda a mexer.

Retoma o seu assento. Lê que os construtores que trabalham nas fortificações de Calais pousaram as ferramentas e estão a exigir seis pence por dia. Que o seu casaco novo de veludo verde virá para o Wiltshire pelo próximo correio. Que um cardeal Medici foi envenenado pelo próprio irmão. Boceja. Lê que açambarcadores da ilha de Thanet estão deliberadamente a fazer subir o preço do trigo. Pessoalmente, enforcaria os açambarcadores, mas o chefe deles poderá ser algum lordzinho que está a promover a fome a troco de um lucro chorudo e, portanto, é preciso pisar com cautela. Dois anos atrás, em Southwark, sete londrinos morreram esmagados na disputa por uma esmola de pão. É uma vergonha para Inglaterra que os súbditos do Rei tenham de morrer de fome. Pega na pena e toma uma nota.

Pouco depois – a casa não é grande, ouve-se tudo –, ouve uma porta no andar de baixo e a voz do Rei e um brando rumor de

solicitude à volta dele... os pés molhados, Majestade? Ouve os passos pesados de Henry aproximarem-se, mas parece que Jane se dissolveu sem um som. Sem dúvida a mãe e as irmãs puxaram-na de parte, para saber tudo o que o Rei lhe disse.

Ao sentir entrar Henry por trás de si, empurra para trás a cadeira para se levantar. Henry faz-lhe sinal com a mão: continua.

– Majestade, os moscovitas tomaram trezentas milhas de território polaco. Dizem que há cinquenta mil homens mortos.

– Oh – exclama Henry.

– Espero que poupem as bibliotecas. Os estudiosos. Há muitos belos sábios na Polónia.

– Mm? Também o espero.

Regressa aos seus despachos. Peste na cidade... o Rei tem sempre muito medo de infeções... Cartas de governantes estrangeiros que desejam saber se é verdade que Henry está a planear cortar a cabeça a todos os seus bispos. Decerto que não, anota ele, temos agora excelentes bispos, todos eles estão dispostos a conformar-se aos desejos do Rei, todos eles o reconhecem como chefe da igreja em Inglaterra; além disso, que pergunta tão malcriada! Como se atrevem a dar a entender que o Rei de Inglaterra deve prestar contas a qualquer potência estrangeira? Como se atrevem a impugnar o seu juízo soberano? O Bispo Fisher está morto, é certo, e Thomas More, mas o tratamento que lhes deu Henry, antes de o levarem a perder a paciência, foi impecavelmente suave; se não tivessem evidenciado uma teimosia pérfida, estariam vivos agora, vivos como qualquer de nós.

Escreveu um monte de cartas destas, desde julho. Não parece totalmente convincente, nem a si próprio; acha-se a repetir os mesmos pontos em vez de fazer avançar a sua argumentação para território novo. Precisa de novas frases... Henry anda pesadamente para trás e para diante por detrás dele.

– Majestade, o Embaixador Imperial Chapuys pergunta se está autorizado a ir visitar a vossa filha, Lady Mary?

– Não – responde Henry.

Escreve a Chapuys: *Esperai, é só questão de esperar, até eu estar de regresso a Londres, nessa altura tudo se arranjará...*

Nem uma palavra do Rei: só a respiração, passos, um rangido do aparador onde descansa e se apoia.

– Majestade, oiço que o Lorde Mayor de Londres praticamente não sai de casa, de tal modo o afligem as enxaquecas.

– Mm? – diz Henry.

– Estão a sangrá-lo. É o que Vossa Majestade recomendaria?

Uma pausa. Henry concentra-se nele, com algum esforço.

– Sangrá-lo, desculpai, para quê?

É estranho. Por muito que deteste notícias da peste, Henry gosta sempre de ouvir falar das pequenas moléstias de outras pessoas. Confesse-se um resfriado ou uma cólica e ele preparará com as suas próprias mãos uma poção de ervas e ficará a ver enquanto é engolida.

Pousa a sua pena. Vira-se para olhar de frente o seu monarca. É evidente que a cabeça de Henry ainda está no jardim. O Rei ostenta uma expressão que ele já viu antes, mas mais em animais do que em seres humanos. Parece atordoado, como um vitelo golpeado na cabeça pelo talhante.

Vai ser a última noite deles em Wolf Hall. Desce muito cedo, os braços cheios de papéis. Alguém se levantou antes dele. Imóvel como uma estátua no grande vestíbulo, uma presença pálida na luz leitosa, Jane Seymour enverga o seu belo vestido teso. Não gira a cabeça para acusar a sua presença, mas vê-o pelo canto do olho.

Se alguma vez sentiu alguma coisa por ela, não consegue agora encontrar sinal disso. Os meses fogem-nos como uma revoada de folhas de outono, a rolar e a saltitar rumo ao inverno; o verão foi-se, a filha de Thomas More foi buscar a cabeça dele à Ponte de Londres e tem-na guardada num prato ou numa taça, sabe Deus, e reza-lhe as suas orações. Não é o mesmo homem que era o ano passado e não reconhece os sentimentos desse homem; está a começar do princípio, sempre novos pensamentos, novos sentimentos. Jane, começa ele a dizer, podeis tirar o vosso melhor vestido, gostaríeis de nos acompanhar à estrada...?

Jane olha em frente, como uma sentinela. As nuvens desvaneceram-se durante a noite. Podemos ter mais um belo dia.

O LIVRO NEGRO

O sol matutino toca os campos, rosados. Dispersam-se os vapores da noite. As formas flutuantes das árvores ganham individualidade. A casa está a acordar. Os cavalos fora dos estábulos espinoteiam e relinham. Uma porta traseira bate. Rangem pisadas por cima deles. Jane parece quase não respirar. Não se vê subir e descer aquele peito chato. Ele sente que devia recuar, retirar-se, diluir-se de novo na noite e deixá-la aqui no momento que ela ocupa: a olhar para Inglaterra.